

Pólis e insularidade

Lilian de Angelo Laky*

LAKY, L.A. Pólis e insularidade. R. Museu Arq. Etn. 38: 61-70, 2022.

Resumo: Neste colóquio sobre a unidade e a diversidade das cidades mediterrânicas, discorremos sobre a expressão do fenômeno da cidade nas ilhas dessa região, mas, especificamente, sobre o contexto grego das *pólis*, a partir da época arcaica, no arquipélago das Cíclades, no Mar Egeu. Escolhemos as Cíclades porque se trata de um conjunto de ilhas com no máximo 400 km², sendo, assim, consideradas ilhas menores, se comparadas às ilhas mediterrânicas com milhares de quilômetros quadrados (como a Sicília, a Sardenha, Creta). Nas ditas ilhas “pequenas”, os impactos da insularidade, que nos interessam compreender, são sempre maiores do que nas consideradas ilhas “continente”, como a Sicília, por exemplo. Nesse sentido, propomos apresentar o debate e discutir, ainda que inicialmente, as seguintes questões: (1) como aspectos impostos pela natureza insular puderam influenciar a organização física e política das *pólis* em ilhas? (2) Quais fatores podem explicar a existência do número de *pólis* nas ilhas?

Palavras-chave: Pólis; Insularidade; Arqueologia das ilhas; Cíclades; Mar Egeu.

Insularidade, arqueologia e a Grécia Antiga

No campo da Arqueologia, as ilhas têm sido estudadas há pelo menos cinquenta anos. Inicialmente, foram analisadas sob o enfoque ambiental, difusionista e migracionista – como laboratórios de ecossistemas e sociedades e lugares vulneráveis às influências externas (Dawson 2019: 2). Nos últimos trinta anos, passaram a ser estudadas a partir de uma abordagem cultural – a interação humana com ilhas produziu concepções de insularidade, que são culturalmente construídas e sujeitas às mudanças ao longo do tempo (Constantakopoulou 2007: 9). A insularidade

tem dois aspectos principais e complementares: isolamento e conectividade – “o mar é o definidor do território e da fronteira de uma ilha” (Constantakopoulou 2007: 3, 6). O isolamento absoluto é um fenômeno quase desconhecido nas ilhas mediterrânicas, mas que pode ter sido experimentado por muitas comunidades insulares, em situações específicas no tempo e no espaço, impostas pelo mar e pela navegação (Constantakopoulou 2007: 3-4; Gordon 2018: 8). O mar e a navegação também transformaram as ilhas em pontes, em redes de conectividade e de mobilidade (Constantakopoulou 2007: 20). A diferenciação entre as ilhas criou identidades locais mutáveis, que podem ser lidas por meio do registro arqueológico e escrito de suas comunidades, revelando como foram construídas percepções antigas de insularidade.

* Pós-doutoranda no Laboratório de Estudos sobre o Império Romano e Mediterrâneo Antigo, Departamento de História da Universidade de São Paulo. lilian.laky@usp.br

Mas antes de tratarmos do tema da pólis nas ilhas, cabe tratarmos sobre questões específicas que fazem parte do tema da insularidade no Mediterrâneo grego, como as *percepções gregas antigas sobre ilhas, o fator escala das ilhas e sua navegação e conectividade*.

O termo insularidade nunca existiu na língua grega antiga. O que podemos saber, a partir dos textos antigos, são *percepções antigas* sobre insularidade. Da língua grega antiga, sabemos que os gregos tinham uma palavra para se referir às ilhas (*nésos*, ou seja, ilha), substantivo cuja origem não é conhecida (Vilatte 1991: 7). A partir desse termo, eles formaram nomes para penínsulas, como Peloponeso e Quersoneso. Os gregos, criaram, assim, o termo *nesiotes* (-tis), o “habitante de uma ilha” e o adjetivo *nesiótikos* “relativo a uma ilha”. Existe igualmente na língua grega antiga um antônimo de *nésos*, que é *épeiros* (“costa”, “margem”, “terra firme”, “continente”). Para *épeiros* também há o substantivo *epeirótes* (-tis) “o habitante da terra firme” e o adjetivo *epeirótikos* “relativo ao continente” (Vilatte 1991: 7). Ainda que a definição de uma ilha possa ter sido fluida para os gregos antigos, “houve uma diferenciação clara entre ilhas e continente no pensamento grego – o conceito de insularidade pressupôs a existência do continente” (Constantakopoulou 2007: 16). Essa distinção entre ilhas e continente é atestada na maior parte das fontes antigas, desde os autores mais antigos, como Homero, no *Catálogo das Naus* ou dos Navios na *Iliada* (2.635) e na *Odisseia* (14.97-8), até Hesíodo, na *Teogonia* (11.963-4). Essa distinção se tornou mais forte com Heródoto e Tucídides, que são excelentes fontes para entender a diferenciação conceitual entre ilhas e continentes (Constantakopoulou 2007: 17-18). A partir do estudo das fontes antigas gregas, é possível saber que “insularidade significou, no pensamento grego, o sobrenatural e o bizarro, isolamento e segurança, mas também perigo, prisão e pobreza” (Constantakopoulou 2007: 1). Mas insularidade também significou poder marítimo e até mesmo imperialismo, como demonstra C. Constantakopoulou

em seu livro *The dance of the Islands* (2007). Com a criação do império ateniense no século V a.C. e a unificação do Egeu sob o controle de um único poder, pela primeira vez, o conceito de insularidade, nas fontes literárias, adquiriu novas conotações intrinsecamente ligadas às ideias relacionadas ao poder marítimo (Constantakopoulou 2007: 19). De acordo com seu estudo, isolamento, perigo e pobreza são todos *topos* nas fontes antigas que tendem a enfatizar as características negativas das ilhas (Constantakopoulou 2007: 19). De fato, isolamento e pobreza são características insulares reais. O isolamento era determinado pelo mar, que, dependendo do clima e da navegabilidade, “separa a ilha do resto mundo de maneira mais efetiva do que qualquer outro ambiente” (Constantakopoulou 2007: 3). Sobre a pobreza, nem todas as ilhas eram de fato pobres, algumas delas eram ricas, tinham controle sobre terras agrícolas no continente (*peraiai*) e tinham próspera produção interna (jazidas de minérios, agrícola etc.). A essa contradição, autores modernos deram o nome de “o paradoxo da insularidade, ou seja, à insistência grega, a prevalência nas fontes antigas, de retratar as ilhas como pobres e insignificantes, sendo que estas foram centrais na formação de redes antigas de comunicação marítima” (Constantakopoulou 2007: 8, 111-112). Há questões ideológicas por trás da compreensão das ilhas como locais decaídos. Ao menos para as fontes gregas antigas da época clássica, o aspecto negativo da pobreza das ilhas é relacionado, por exemplo, à fraqueza política (Constantakopoulou 2007: 112).

Para pensar no tema insularidade e cidades gregas, o fator *escala* está entre os mais interessantes. Desde a antiguidade, já havia a percepção de que o tamanho das ilhas influía em sua insularidade. No Mediterrâneo grego (Fig. 1), a escala das ilhas variava entre a maior ilha da região, a Sicília, com 25.834 km², e as demais grandes ilhas, como Creta, a quinta maior ilha mediterrânica, com 8.312 km², e a Eubeia, com 3.655 km². Há também as ilhas com os c.40 km² de Ischia, no mar Tirreno, e de Antíparos e Paros, no mar Egeu,

além de Despotiko, com 8 km², também no Egeu (Fig. 2). Ilhas com o tamanho da Sicília, de Creta e da Eubeia são exceções no mar Mediterrâneo, ilhas com menos de 300 km² são a norma (Constantakopoulou 2007: 13).

Para os antigos, como para nós hoje, os impactos da insularidade são vistos como normalmente mais significativos nas ilhas pequenas: “ilhas pequenas são mais insulares que as ilhas grandes” (Constantakopoulou 2007: 14). Como já disse Braudel, a “Sicília é um pequeno continente”, assim como Creta é uma miniatura de continente (*apud* Constantakopoulou 2007: 13-14). Tucídides, no século V a.C., chama a Sicília como um quase continente (6.1.2) – para o historiador grego, como para qualquer grego antigo, a pequena e rochosa ilha de Sfactoria, na Messênia, no Peloponeso, de 3,2 km², representou melhor as conotações da insularidade do que a grande ilha da Sicília (Constantakopoulou 2007: 14).

Outro tema fundamental no estudo da insularidade, em qualquer contexto, é o da *navegação e conectividade*, que nos leva ao tema das redes de comunicação marítima regionais. Ilhas eram locais de parada convenientes nas rotas longas de navegação através do mar (Constantakopoulou 2007: 23). Coroadas com centenas de ilhas, o Egeu foi o mar ideal para o desenvolvimento da navegação (Constantakopoulou 2007: 20). Especialmente dentro das áreas com várias ilhas, em um dia típico de verão, é impossível velejar sem avistar terra (Constantakopoulou 2007: 20). Nesse sentido, “em um mundo de mobilidade e navegação, as ilhas funcionaram como pontes, transformando o Egeu em uma densa matriz de conectividade” (Constantakopoulou 2007: 20). A cabotagem, as viagens de curta distância de embarcações pequenas, saltando de porto em porto ao longo das costas e das ilhas, foi uma característica essencial da navegação no mar Egeu (Constantakopoulou 2007: 20). Redes de ilhas também foram expressas em um nível abstrato, com a representação de ilhas como um grupo conceitual – por exemplo, as Cíclades, sabemos das fontes antigas, foram nomeadas assim porque elas circulam

a sagrada Delos, a ilha santuário de Apolo, centro de uma rede de conectividade muito antiga no Egeu (Constantakopoulou 2007: 25).

Se a concentração e a proximidade das ilhas foram propícias à navegabilidade na região do Egeu, há outros fatores naturais que eram e ainda são desfavoráveis à ampla circulação pelo mar na região, como o vento, por exemplo. Entre Andros e Tenos, há um estreito impassável devido aos ventos e correntes fortes prevalentes nessa área. Similarmente, o estreito entre Andros e a Eubeia é impossível mesmo hoje de se atravessar, se estiverem soprando os ventos do norte (Constantakopoulou 2007: 25). Mesmo na temporada aberta à navegação, tempestades e ventos fortes faziam com que embarcações procurassem locais de refúgio para aportar, como testemunham grafites de navegantes agradecendo às divindades pela chegada segura à terra firme, a exemplo daquelas encontradas na ilha de Protí, no mar Jônio, na costa da Messênia, no Peloponeso, aos Dióscuros, e na ilha de Syros, à Euploia, deusa da boa navegação (Constantakopoulou 2007: 23). Essa questão de insularidade (a navegação nas ilhas gregas), pode ser experimentada hoje por quem viaja pelo Egeu. Mesmo os modernos navios e *ferry boats* às vezes não são fortes o suficiente para aguentar o mau tempo nesse mar: muitas vezes precisam aguardar horas na costa à espera de condições propícias de tempo para poder atracar em sua ilha-destino.

Estes são os aspectos básicos, apresentados por Christy Constantakopoulou, que devem ser levados em consideração em uma pesquisa sobre a insularidade na Grécia antiga e que também servem para pensar vários outros contextos culturais em ilhas no Mediterrâneo antigo.

Pólis e insularidade

Percepções antigas sobre as ilhas, navegação, isolamento e conectividade são todos temas inerentes ao debate sobre a pólis insular. Mas, de um modo geral, os estudos em relação aos aspectos físicos e políticos

da cidade grega, nas ilhas egeias das Cíclades (Fig. 2), perpassam vários outros temas, como (1) a relação da área urbana na costa com o interior da ilha (o seu território), (2) questões sobre o tamanho de uma ilha e a existência de uma ou mais *pólis* ocupando um único espaço insular (que no caso das Cíclades é pequeno) e (3) o de identidade insular. São estes três pontos que iremos abordar sem a pretensão de ser um debate final sobre o tema.

O estudo da pólis nas ilhas do mar Egeu é relativamente recente, assim como o interesse pelas ilhas, e infelizmente ainda possui muitas limitações. A cidade de Delos, por exemplo, que foi muito escavada, passou a ser estudada com mais vigor agora, tendo sido por muito tempo o santuário de Apolo o foco das pesquisas nesta ilha. Não há ainda estudos de sínteses sobre a formação da pólis nas Cíclades e nem no Egeu. A esse respeito, Zagora, em Andros, é o assentamento mais conhecido.

Zagora oferece um caso excepcional, pois o assentamento completo (dos séculos IX-VIII a.C.), de cerca de 6,7 hectares, abandonado no século VIII a.C., foi preservado sem ter sido perturbado pela ocupação posterior (Zagora... 2014). Os remanescentes do assentamento são também excepcionais: o muro de fortificação é um dos exemplos mais importantes de arquitetura militar de época geométrica, assim como os remanescentes de arquitetura doméstica, o santuário e o cemitério encontrados no local (Zagora... 2014). Remanescentes cerâmicos recuperados em Zagora também informam sobre as suas redes de conectividade com cidades da Eubeia (Eretria e Lefkandi), ilhas como Paros e Naxos e, mais além, Atenas e Corinto, no continente. O interessante de Zagora, para esta discussão, é como a sua característica insular pôde alavancar, na Idade do Ferro, um assentamento com características monumentais e desenvolvimento urbano.

Andros tem uma longa história de riqueza agrícola graças a sua alta pluviosidade anual (50% maior do que outras ilhas nas proximidades), e isso, aliado a uma geologia baseada no xisto, que permite um alto nível de captação de água subterrânea, fornece a água para as muitas nascentes em toda a ilha (Zagora... 2014).

De fato, Andros tem tanta água que até mesmo produz sua própria água mineral engarrafada com gás (Zagora... 2014). Na década de 1880, Andros foi descrita pelo viajante inglês Theodore Bent como o melhor bosque das Cíclades, apenas atrás de Naxos em tamanho e beleza, e o vale de Chora como “um dos vales mais férteis do mundo” (Zagora... 2014). A abundância de água tem sido notada desde a Antiguidade, compartilhando com as ilhas de Hydra e Ceos o epíteto *hydroussa* (“aquosa”) (Zagora... 2014).

Estudos de síntese sobre a pólis nas ilhas egeias são dificultados, em geral, em razão das cidades modernas dessas ilhas terem sido construídas sobre as cidades antigas e os relatórios das escavações não terem sido ainda suficientemente publicados. Mesmo os resultados das escavações sobre a cidade de Delos – ilha cicládica mais bem explorada arqueologicamente – não foram ainda muito publicados. No arquipélago das Cíclades, há sítios muito escavados e bem conhecidos em relação à Pré-história, como Strophilas, em Andros, e à Idade do Bronze, como Phylákopi, em Melos, e Ágios Andreas, em Sifnos (cujo assentamento voltou a ser ocupado na época geométrica).

A história urbana nas Cíclades, na Idade do Ferro (o período da formação da pólis), é caracterizada por assentamentos urbanos que tiveram seu período de desenvolvimento na época geométrica (como Zagora e Hypsele, ambos em Andros, e Koukounaries, em Paros) e entre as épocas geométrica e arcaica (Xombourgo, em Tenos), os quais foram abandonados, nessas épocas, em razão do desenvolvimento da pólis em outra área da ilha. A esse respeito, é importante destacar que, em alguns desses assentamentos da época geométrica abandonados, certos locais de culto permaneceram frequentados pela população das *pólis* dessas ilhas, como é o caso de Zagora, em Andros (Zagora... 2014), onde há evidências de continuidade de culto no seu santuário durante a época arcaica, datados, portanto, de após o seu abandono na época geométrica, e de Koukounaris, na ilha de Paros, cujo santuário de Atena ainda era frequentado

na época clássica, após o abandono total do assentamento no início da época arcaica (Reger 2004).

Há o caso de pequenos assentamentos de época geométrica espalhados pelo interior das ilhas (fazendolas? abrigos sazonais para a exploração agrícola?) que não se desenvolveram em *póleis* (exemplos em Paros, Naxos e Melos), e *póleis* que tiveram o seu desenvolvimento urbano iniciado na Idade do Ferro (Naxos, Mínoa, em Amorgós, por exemplo) e que também ocuparam locais de assentamentos datados da Idade do Bronze (as *póleis* de Paros e Naxos) (Reger 2004). Há ainda assentamentos cujas evidências arqueológicas atestam a sua origem como *póleis* somente a partir da época arcaica (caso de Palaiopolis, em Andros) e da época clássica (caso de Tenos, cuja pólis foi transferida de Xombourgo para o local na costa nessa época) (Reger 2004).

Ciclos de crescimento e despovoamento são características das ilhas egeias na longa duração (Reger 2004: 731). Estudos recentes sugerem que os períodos arcaico e clássico foram aqueles de auge de povoamento e prosperidade (Reger 2004: 731). Algumas ilhas permaneceram despovoadas e foram usadas apenas para pastoreio, como as ilhas disputadas por Kimolos e Melos no século IV a.C. (Reger 2004: 731). As ilhas egeias foram sempre locais que receberam novos contingentes populacionais pela colonização, como os jônios em Tenos e em Sifnos, nos séculos XI-X a.C., e os dórios em Tera, no século IX a.C., e em muitos outros lugares (Reger 2004: 731). Também *póleis* insulares das Cíclades fundaram novas *póleis* em áreas distantes do mundo grego: em outras ilhas e áreas continentais mediterrânicas e em ilhas no próprio mar Egeu, como foi o caso de Paros, fundadora da pólis de Thasos na ilha homônima, no norte do Egeu.

As cidades gregas nas ilhas egeias alcançaram o mesmo desenvolvimento e organização urbana que aquelas do continente. As *póleis* tinham sua área urbana (a *ásty*) e o seu território (a *khóra*), mas em ilhas, com a escala pequena das Cíclades, de alguma maneira a formação da cidade ocorreu de forma diferente,

pois a natureza insular (determinada pelo clima e geografia associados) impôs uma fragmentação que impactou no arranjo das populações ao longo do tempo. Vê-se a fragmentação no caso de Amorgós, uma ilha com quatro *póleis* – Mínoa, Katapola, Agiales e Arkesine – que se separavam por uma cadeia montanhosa (Angliker 2021: 36-41). A área de Agiales só foi integrada ao restante da ilha quando construíram uma estrada nos anos 1970. Até essa data, viviam isolados e Agiales tinha mais contato com a ilha de Naxos do que com as outras localidades de Amorgós (Angliker 2021: 36-41). Fatores de insularidade provavelmente também estão por trás da mudança da localização de assentamentos do interior para a costa, entre a época geométrica e o período arcaico. O que teria, por exemplo, levado os habitantes do assentamento de Xombourgo, em Tenos, a abandoná-lo e a estabelecer uma cidade na costa na época clássica? Na maior parte das ilhas cicládicas o centro urbano e político foi estabelecido na costa, em áreas com os melhores pontos de ancoragem para embarcações. A navegação e conectividade influenciaram na escolha dessas localizações. Inúmeras *póleis* situaram-se ao redor do seu porto ou até portos, às vezes sobre promontórios, estabelecendo ali *acrópoleis* (como Koresia, em Ceos), às vezes não exatamente no mar, mas em montanhas muito próximas à linha da costa, como é o caso excepcional de Tera, estabelecida sobre uma altura de 360 m.

Como não há estudos de síntese sobre a área urbana das *póleis* (a *ásty*) insulares egeias e cicládicas, não há também sobre o território (a *khóra*) dessas cidades. Mas alguns estudos de caso ajudam a apresentar um pouco da caracterização e configuração dessa área nessas ilhas. Nas Cíclades, o território de uma pólis podia ocupar o espaço de uma ilha inteira, no caso quando há apenas uma pólis, sendo o mar a fronteira, o limite de seu território, sem falar, claro no território marítimo dessas cidades gregas insulares. Xenofonte (*Helênicas* 1.4.22) fala na *Andria khóra*, que era a própria

ilha de Andros (Reger 2004). Neste caso, Andros representa um caso muito característico da pólis insular. Já no caso de ilhas com várias *pólis* (como Amorgós e Ceos), o caso assemelha-se à situação das *pólis* continentais – há fronteiras bem definidas entre seus territórios terrestres. Algumas dessas fronteiras eram marcadas pela presença de santuários, como no caso do santuário de Zeus Ikmaios, que ficava entre as terras das *pólis* de Ioulis e Karthaia, ambas em Ceos (Reger 2004). A *khóra* de algumas ilhas é ainda pouco conhecida, em razão de trabalhos insuficientes de escavações, mas é possível ter uma ideia de como se organizava a *khóra* das *pólis* insulares graças aos trabalhos arqueológicos em Naxos, Paros, Ceos e Melos. Sabe-se, assim, que, ao menos desde a época geométrica, a hinterlândia dessas ilhas era ocupada por alguns poucos assentamentos, até a explosão demográfica no início da época arcaica, como indica o maior número de sítios em relação ao período anterior (Reger 2004). Não se sabe com precisão a função desses assentamentos, se se tratava de fazendas ocupadas o ano todo, ou se eram abrigos temporários para trabalhos agrícolas sazonais (Reger 2004). O que se sabe é que são assentamentos que surgiram e desapareceram e não se desenvolveram em cidades.

A riqueza da hinterlândia de algumas ilhas da região é bem conhecida: desde a extração mineral de prata em Sifnos e aos mármore de Paros e Naxos, além das vantagens agrícolas. Naxos, a maior ilha das Cíclades (c. 400 km²) com apenas uma pólis, tinha uma *khóra* formada por inúmeros vilarejos produtivos com grandes propriedades desde ao menos a época arcaica. Na época clássica, a *khóra* de Naxos foi descrita por Aristóteles como organizada em *katá komas* (Sfyroera 2018: 334). A partir da época helenística, as torres tornam-se uma característica da paisagem da hinterlândia de Naxos. A presença das seis torres distribuídas na parte oeste e sul da ilha pode ser associada à existência de grandes propriedades e a necessidade de proteger e controlar uma grande região,

vulnerável a ataques pelo mar e por terra (Sfyroera 2018; Morris & Papadopoulos 2005). Torres são encontradas em várias outras ilhas das Cíclades, como em Sifnos, Andros, Tenos, Ceos e Amorgós. Estas construções foram particularmente numerosas em Ceos (mais de 70 torres) e em Sifnos (56 torres) (Morris & Papadopoulos 2005: 155). Estudos recentes mostraram que as torres pertenciam a fazendas e estão relacionadas à mineração, não só nas ilhas, mas também nas regiões continentais (Morris & Papadopoulos 2005: 155). Estas estruturas fazem parte da história de exploração intensa dos recursos naturais, permitida pelo uso de mão-de-obra escrava (Morris & Papadopoulos 2005: 157).

Um último ponto de interesse de pesquisa sobre a pólis nas ilhas refere-se a um tema considerado insolúvel acerca da pólis insular, ao menos em área cicládica egeia: por que em certas ilhas egeias se desenvolveram apenas uma pólis e em outras mais de uma, não importando as escalas das ilhas?

Sobre este grande tema e sobre o tema da pólis nas ilhas egeias, dispomos, basicamente, de dois autores no momento: Gary Reger (1997, 2004), que propicia dois estudos de síntese e fornece muitos dados, e de Alexandra Sfyroera (2018), que fornece um estudo de caso bem recente sobre o desenvolvimento da pólis de Naxos.

As maiores ilhas cicládicas, como Naxos (429 km²), Paros (196 km²), Andros (380 km²) e Tenos (194 km²), tiveram apenas uma pólis em cada, enquanto que em pequenas ilhas, como Ceos (131 km²) e Skiathos (50 km²), existiram quatro e três *pólis*, respectivamente (Reger 1997: 451, 457). De acordo com Reger, que examina caso a caso no Egeu, fatores topográficos, de escala e de comércio, não influenciaram nesse fenômeno. Nas Cíclades, há vários assentamentos da época geométrica ou do início da época arcaica, situados em áreas propícias ao comércio, que falharam em se desenvolver em uma pólis, como foi o caso de Koukounaries, que controlava a excelente baía de Naoussa, em Paros, e o de Emporio, em Quios, no leste do Egeu (Reger 1997: 460). Nem a quantidade de *pólis* nas ilhas foi determinada pelo número de assentamentos

(datados entre o final da época geométrica e o início da época arcaica) existentes no interior destas ilhas (os casos de Melos e de Ceos são os mais conhecidos) (Reger 1997: 462).

Apesar de admitir que não há um único fator que explique a existência de uma ou mais *pólis* nas ilhas egeias, Reger parece encontrar na exploração de recursos naturais, no imperialismo de certas ilhas, no sinecismo e na colonização caminhos explicativos para o desenvolvimento de apenas uma *pólis* em ilhas. Para ele, a unificação de Sifnos em uma única *pólis* teria sido consequência da exploração da prata e do ouro na ilha. Nela, havia dois assentamentos importantes datados da época geométrica: Kastro, na costa e próximo às minas, e Ágios Andreas, no interior (Reger 1997: 463). Para Reger, as vantagens de um porto, para o escoamento dos metais, teriam levado Kastro a se tornar o centro político de Sifnos (Reger 1997: 463). O tamanho da organização social e política requeridas para minerar, processar, comercializar e exportar minerais, como em Sifnos, e mármore, como em Paros, estava além de poderes pequenos e desunificados – a seu ver, talvez a extração em larga escala dessa riqueza tenha sido a precondição para a consolidação de um único poder político (Reger 1997: 465).

Sobre imperialismo como um fator, Reger se baseia no caso de Naxos. Naxos emergiu na metade do século VII a.C. como o poder predominante na região central do Egeu. Foi Naxos, por exemplo, que controlou o culto dos jônios em Delos. Seria improvável que Naxos tivesse alcançado sua política de imperialismo no Egeu, a partir da época arcaica, sem antes ter unificado a sua ilha sob um único Estado (Reger 1997: 466).

Sobre a colonização, várias *pólis* insulares no mar Egeu participaram do movimento de expansão grega a partir da época arcaica. Houve ilhas com uma única *pólis* que se lançaram a colonizar (como Paros, Naxos e Andros), colônias em ilhas que também colonizaram (como Tera) e ainda ilhas com várias *pólis* em que estas fundaram cidades em outras áreas do mundo grego (como Rodes, Lesbos e a Eubeia). Ilhas pequenas com

mais de uma *pólis* raramente envolveram-se na colonização; já ilhas grandes, com mais de uma cidade, participaram ativamente nesse processo (Reger 1997: 473). A necessidade de se lançar a fundar novas cidades, devido a explosões populacionais nas ilhas, teria motivado a unificação em um único poder político em certas ilhas, sendo então, para Reger, a colonização uma das explicações para a existência de apenas uma *pólis* em ilhas como Paros e Naxos, por exemplo. Mas como explicar o caso das ilhas com mais de uma *pólis* que se lançaram a fundar novas cidades além-mar, como as *pólis* de Cálcis e Erétria, na Eubeia? Como explicar ainda o caso das várias *pólis* de Rodes e Lesbos, cuja colonização foi empreendida conjuntamente como “lesbios” e “ródios”? Nesse caso, de Lesbos e Rodes, a colonização ocorreu não no nome de suas *pólis*, grandes, populosas e importantes, mas no nome dos lesbios e ródios, o que demonstra um sentido de sua própria unidade como insulares, apesar de estarem divididos em *pólis* separadas e autônomas (Reger 1997: 473). A colonização, assim como os demais casos, pode explicar apenas em parte a existência de uma ou mais *pólis* nas ilhas egeias, mas fica claro que não houve um único fator.

Com relação ao sinecismo, as evidências arqueológicas das ilhas de Paros, Andros e Quios sugerem que ilhas com uma única *pólis* podem ter surgido da unificação da população de vários assentamentos geométricos (Reger 1997: 470). Apesar das exceções de Ceos e Melos, várias ilhas tiveram mais assentamentos na época geométrica do que no período arcaico – os centros mais antigos de população desapareceram, sendo abandonados ou absorvidos por outros centros (Reger 1997: 478). Este processo, que Reger chama de consolidação, não terminou, para os insulares, com o estabelecimento da *pólis* clássica. Para ele, esse processo de consolidação da cidade grega insular passou pela criação de unidades políticas maiores que a *pólis*, como as federações (as *sympoliteiai*), quando os habitantes dos Estados independentes de Mitilene, Astypalaia, Karthaia, Aigiale e Myrine desenvolveram uma identidade adicional, assim como os lesbios,

como o povo de Cós, de Ceos, de Amorgós ou os lemnios de Lemnos (Reger 1997: 478). A partir da época clássica, é fato que houve uma tendência de diminuição do número de pólis nas ilhas egeias, como nos casos de Rodes e de Lesbos, em face da ameaça ateniense, onde houve o sinecismo de suas cidades, com a absorção de uma pólis na outra no período helenístico (Reger 1997: 479).

Considerações finais

Tais pontos de debate ajudam a pensar outros contextos gregos insulares no Mediterrâneo, com arquipélagos e escalas de ilhas semelhantes àqueles encontrados no mar Egeu, como é o caso das ilhas localizadas na região da Dalmácia, no litoral da Croácia. As questões que

procuramos trazer ainda aguardam respostas mais contundentes, baseadas em estudos de síntese que olhem caso a caso a formação da pólis nas ilhas e a relação da pólis com seu território.

Agradecimentos

Este artigo foi escrito graças ao diálogo com a colega Érica Angliker, que sempre generosamente me apresentou às grandes questões sobre a insularidade na Grécia Antiga. Também agradeço ao meu supervisor Prof. Norberto L. Guarinello, por me incentivar a publicar a minha apresentação no evento Unidade e Diversidade das Cidades Mediterrânicas, apesar de conter ainda questões que merecem um maior aprofundamento.

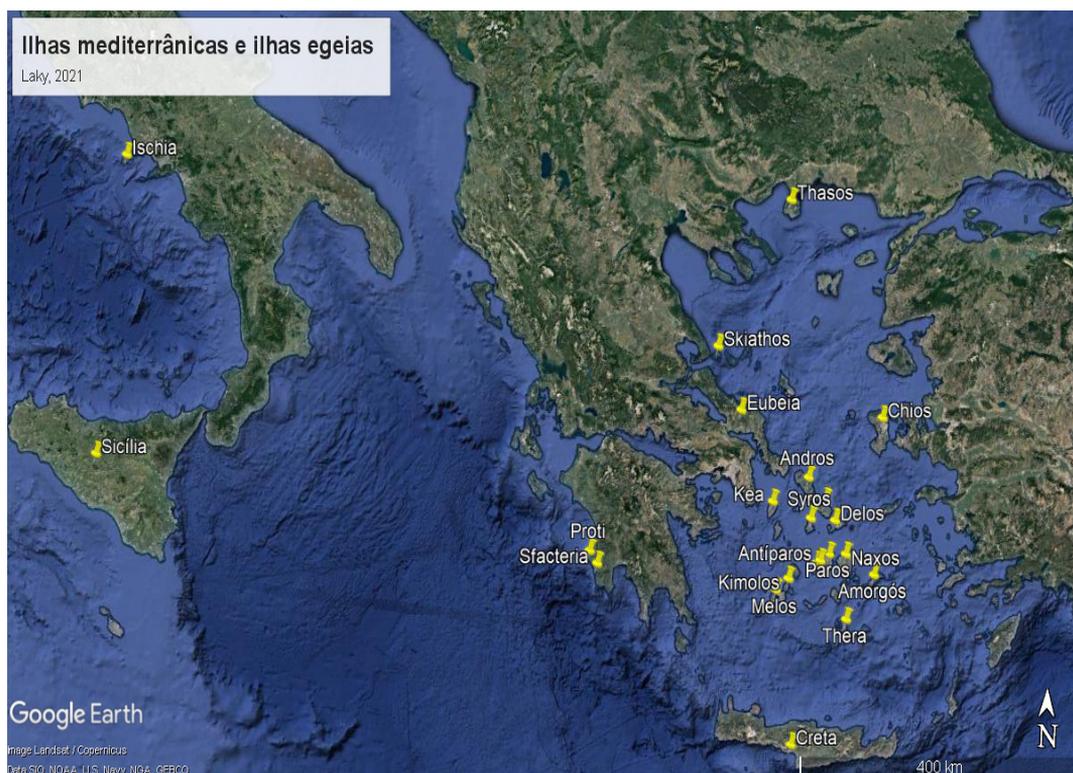


Fig. 1. Ilhas mediterrâneas e ilhas egeias.

Fonte: Google Earth.

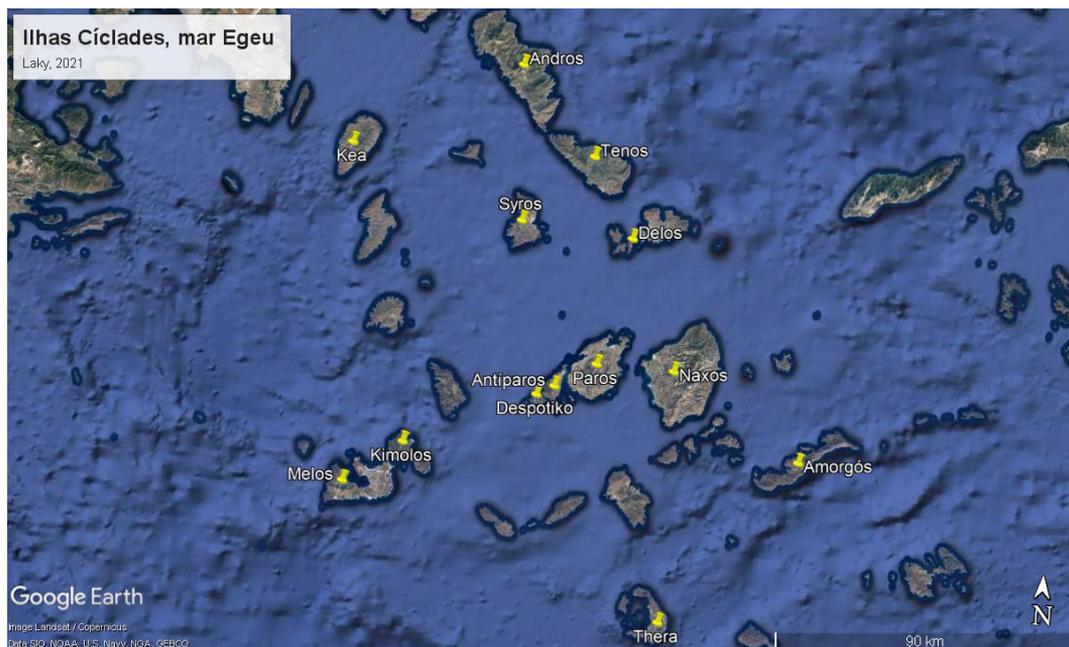


Fig. 2. Ilhas Cíclades, Mar Egeu.

Fonte: Google Earth.

LAKY, L.A. Polis and insularity. R. Museu Arq. Etn. 38: 61-70, 2022.

Abstract: In this colloquium on the unity and diversity of Mediterranean cities, we discuss how the city phenomenon expresses itself in the islands of this region, but specifically on the Greek context of the poleis, from the Archaic period, in the Cyclades archipelago, located in the Aegean Sea. Cyclades is a collection of islands with a maximum of 400 km², and are thus considered “small” islands if compared to the Mediterranean islands with thousands of square kilometers (such as Sicily, Sardinia, Crete). In the so-called “small” islands, the impacts of insularity we seek to understand are always greater than in those considered “mainland” islands, such as Sicily. Hence, we propose to discuss, even if initially, the following questions: (1) how aspects imposed by the insular nature were able to influence the physical and political organization of the polis on islands? (2) Which factors could explain the number of polies in islands?

Keywords: Polis; Insularity; Island Archaeology; Cyclades; Aegean Sea.

Referências bibliográficas

Angliker, E. 2021. *Cults and sanctuaries of the Cycladic islands*. Tese de doutorado. University of Zurich, Zurich.

Constantakopoulou, C. 2007. *The dance of the islands: insularity, networks, the Athenian Empire, and the Aegean World*. Oxford University Press, Oxford.

- Dawson, H. 2019. Island Archaeology. In: Smith, C. (Ed.). *Encyclopedia of global archaeology*. Springer, Cham, 1-8.
- Gordon, J.M. 2018. Insularity and identity in Roman Cyprus: connectivity, complexity, and cultural change. In: Kouremenos, A. (Ed.). *Insularity and identity in the Roman Mediterranean*. Oxford, Oxbow Books, 4-40.
- Morris, S.P.; Papadopoulos, J.K. 2005. Greek towers and slaves: an archaeology of exploitation. *American Journal of Archaeology* 109, 2: 155-225.
- Reger, G. 1997. Islands with one polis versus islands with several poleis. In: Hansen, M.H. (Ed.). *The polis as an urban centre and as a political community: historisk-filosofiske Meddelelser*, Copenhagen, 75, 450-492.
- Reger, G. 2004. The Aegean. In: Hansen, M.H.; Nielsen, T.H. (Eds.). *An inventory of archaic and classical poleis*. Oxford University Press, Oxford, 732-793.
- Sfyroera, A. 2018. Naxos, the largest Cycladic island with a single polis: a survey through ancient times. In: Angliker, E.; Tully, J. (Eds.). *Cycladic archaeology and research: new approaches and discoveries*. Oxford, Archaeopress, 325-338.
- Vilatte, S. 1991. *L'insularité dans la pensée grecque*. Université de Franche-Comté, Besançon, 446, 3-255. *Annales littéraires de l'Université de Besançon*.
- Zagora Archaeological Project. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3vAmduD>. Acesso em: 14/06/2021.